



Revista Café com Sociologia

Volume 6, número 2, mai./jul., 2017

Resenha

REPENSANDO AS RELAÇÕES DE PARENTESCO NA CONTEMPORANEIDADE: Alguns Desafios teóricos às Ciências Sociais a partir de “O Clamor de Antígona”, de Judith Butler

Marcos de Jesus Oliveira¹

BUTLER, Judith. *O clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014, 128p. ISBN: 978-85-328-0690-1.

É crescente a projeção de Judith Butler no cenário intelectual internacional, sendo amiúde considerada uma filósofa por seus interlocutores. No Brasil, o conhecimento e o reconhecimento de suas contribuições e aportes teóricos se deram, sobretudo, com a publicação, em 2003, de “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, lançado treze anos depois da publicação original em inglês. No âmbito da academia brasileira, a divulgação de seu pensamento tem se restringido ao círculo de estudos denominados feministas, de gênero e *queer*. Resenhar uma obra sua para uma revista de ciências sociais requer, portanto, destacar, entre as inúmeras contribuições dadas pela pensadora, aquelas que, por sua própria força e densidade, impõem desafios aos modos pelos quais certas questões foram tradicionalmente tratadas por estas ciências. Isso exige o resenhista da responsabilidade, já amplamente reconhecida, de querer esgotar o pensamento de determinado autor nas poucas páginas que lhe cabe, mas traz à tona o desafio de estabelecer um diálogo entre campos cuja aproximação nem sempre é bem vista ou quista.

Publicada originalmente há quatorze anos, “O clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte” revela sua importância e atualidade para o campo acadêmico das chamadas

¹

“ciências do espírito”, sobretudo, porque as reflexões ali apresentadas oferecem caminhos profícuos para pensar as relações entre parentesco, gênero e poder estatal, as zonas de intersecção e de repulsa, de encontros e de distanciamentos, em uma época em que a diversificação dos arranjos familiares e de parentesco, sobretudo, por conta da chamada reprodução assistida tornada possível pelos avanços no campo da biotecnologia bem como pelas possibilidades abertas pela recomposição de relações familiares, vem sendo cada vez mais posta em evidência por meio de estudos monográficos. O diálogo intencionalmente tecido pela autora com Claude Lévi-Strauss, Friedrich Hegel, Jacques Lacan, Michel Foucault, Hannah Arendt e Giorgio Agamben, entre outros, sinaliza sua despreocupação com fronteiras disciplinares estreitas, abrindo oportunidades de reflexões para as ciências sociais e para as humanidades, sobretudo, em suas influências mútuas, trânsitos e interpenetrações.

O livro, dividido em três capítulos e um posfácio à edição brasileira, cujo conteúdo global consiste em uma leitura eloquente da peça de Sófocles, muita discutida pela filosofia e por aqueles que se interessam por questões morais e éticas, mas também por mestres do pensamento social interessados em compreender as relações entre sociedade e Estado, como é o caso, entre nós, de Sérgio Buarque de Holanda (1995) em seu clássico “Raízes do Brasil” no qual discute a formação do Estado-nação brasileiro a partir de uma breve referência à tragédia grega. Na original, provocante e provocativa interpretação de Butler, *Antígona*, ao optar por um sepultamento digno para seu irmão Polínice contra os editos oficiais de Creonte, representante do poder estatal, desafia não apenas o Estado, mas também o padrão normativo de parentesco cuja estrutura não decorre de uma ordem inexorável universal, mas do caráter iterável das práticas sociais. A chave de leitura feminista com que *Antígona* é interpretada revela as nuances de um amor que não ousa dizer seu nome e para o qual não há lugar dentro das matrizes de inteligibilidade culturalmente instituídas. Eis, pois, um convite para reconsiderar o parentesco e a família como um conjunto de relações sujeitas à contingência histórica.

“O clamor de *Antígona*” não representa apenas uma interpretação refinada e intelectualmente sofisticada a respeito de uma obra literária clássica, mas também uma forma bastante evidente de intervenção pública no debate sobre as possibilidades de adoção de crianças por casais homossexuais ocorridos na França nos fins do século XX cujos

desdobramentos alcançaram algumas outras sociedades ocidentais, fazendo eco inclusive nas argumentações de setores da Igreja Católica contrários à prática². Lá inúmeros psicanalistas, sobretudo, de matriz lacaniana e outros acadêmicos de linhagem estruturalista, defenderam, com força e veemência nunca vistas, a impossibilidade de adoção de crianças por casais homoeroticamente inclinados sob a alegação de que as crianças resultantes desses arranjos familiares não se tornariam sujeitos, não ascenderiam ao simbólico, uma vez que a diferença sexual seria eixo estruturador do psiquismo humano. O “clamor” de Antígona tem, portanto, a ver com certa reivindicação de justiça em relação a sujeitos cujas vivências e experiências estão para além da normatividade de gênero heterossexual, amiúde, sancionada pelo Estado bem como em relação a sujeitos cujas relações familiares ultrapassam a figura triangular edípica clássica como é o caso de relações decorrentes de recomposição familiar advinda de divórcios, segundo casamento, migração, exílio etc.

O primeiro capítulo, intitulado “O clamor de Antígona”, apresenta a leitura do mito de Antígona em contraste com as clássicas interpretações – falocêntricas, diga-se de passagem – elaboradas por Hegel e por Lacan. Para o filósofo alemão, Creonte e Antígona representariam, respectivamente, duas instituições éticas, o Estado e a família, sendo que, na visão hegeliana, a segunda deve se subordinar às leis da primeira. Isso porque, para Hegel, o Estado representa a expressão mais bem acabada da eticidade, do Espírito Absoluto, daquilo que garante a possibilidade da existência comum, os parâmetros pelos quais a participação dentro uma determinada comunidade política é possível. Para Lacan (1998), Antígona é aquela que se recusa foracluir *das Ding* (a coisa materna). Sua ação toca a fronteira da linguagem para revelar que o cruzamento desta fronteira implica a não-existência simbólica do sujeito, seu não reconhecimento cultural.

Na proposta do psicanalista francês, Antígona representa a posição-limite da estrutura que institui a diferenciação entre humanos de animais. Contra essa perspectiva, argumenta Butler:

Meu ponto de vista é que a distinção entre lei simbólica e social, enfim, não se sustenta, que o simbólico não apenas é, ele próprio, a sedimentação das práticas sociais, como as

² Para maiores detalhes a respeito de como a questão se deu no contexto francês, sobretudo, a discussão realizada por psicanalistas e outros teóricos estruturalistas, confira OLIVEIRA, 2010 ou ROUDINESCO, 2003. Em 2002, Judith Butler retomou a problemática com um artigo intitulado “Is kinship always already heterosexual?” cuja tradução foi publicada no Brasil em 2003 (cf. BUTLER, 2003).
V. 6, n. 2. p. 398-403, mai./jul. 2017.

alterações radicais no parentesco exigem uma rearticulação dos pressupostos estruturalistas da psicanálise e, portanto, da teoria contemporânea do gênero e da sexualidade. (p. 40)

Para Butler, o conceito estruturalista de simbólico limita os alcances do que são vidas culturalmente inteligíveis. Para ela, não há razões para sustentar uma distinção entre lei simbólica e a lei social dada a miríade de dados empíricos que insistem em contestar as pretensões universalistas da teoria estruturalista. Nessa chave de leitura, o segundo capítulo, intitulado “Leis não escritas, transmissões aberrantes”, segue aprofundando a crítica ao caráter a-histórico da noção de simbólico das narrativas estruturalistas cuja definição tem sido mantida, em muitos casos, como estratégia para a produção, reprodução e sedimentação de práticas eminentemente sociais como o parentesco e gênero. Butler critica a versão do tabu do incesto de Claude Lévi-Strauss, já que, em seu modelo explicativo, o interdito do incesto se torna a condição de uma vida culturalmente inteligível e, como consequência, o amor homoerótico emerge, segundo a autora, como o ininteligível dentro do inteligível, um amor que não tem lugar dentro do nome do amor, uma posição dentro do parentesco que não é propriamente uma posição.

De acordo com Butler, a narrativa do tabu do incesto é a maneira pela qual as posições sexuais são ocupadas, masculino e feminino são diferenciados, e a heterossexualidade é assegurada. A tragédia de Antígona representa um momento em que a historicidade das relações parentesco é evidenciada, expondo seu caráter socialmente contingente:

Antígona não representa nem o parentesco, nem o que lhe é radicalmente externo, mas torna-se a ocasião para a leitura de uma noção estruturalmente constrangida de parentesco no que diz respeito à sua interatividade social, à temporalidade aberrante da norma. (p. 52)

A problemática do parentesco ganhou bastante força durante os anos de 1970 com muitos trabalhos dedicados a questionar as concepções normativas como a de Claude Lévi-Strauss cuja influência nas discussões sobre o tema é inegavelmente duradoura. O clássico “The traffic in women: notes on the ‘political economy’ of sex” de Gayle Rubin (1986) é um ponto de inflexão importante da leitura feminista e, portanto, crítica a respeito das relações entre parentesco e gênero, afastando-se do modelo lévi-straussiano em busca de uma compreensão historicamente fundada e acentuando o caráter socialmente determinando das relações de parentesco. O debate desse período, bastante animado e intenso, como se pode

V. 6, n. 2. p. 398-403, mai./jul. 2017.

observar pela quantidade de obras surgidas na época, reatualiza, em alguma medida, a problemática “anti-Édipo” cujo auge nos anos de 1960 se deu com o questionamento dos limites das subjetividades desejantes em “O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia” de Gilles Deleuze e de Félix Guattari (1972), marca de um pensamento comprometidamente elaborado para acolher a diferença e a multiplicidade.

No último capítulo, intitulado “Obediência promíscua”, a interpretação de Butler abraça o desafio de confrontar o tom normalizador e essencialista das narrativas estruturalistas de Lacan e de Lévi-Strauss e de seus seguidores, de modo a pensar em condições mais favoráveis à emergência de outros laços de solidariedade social para além da circunscrição heteronormativa, contemplando formas de desejo, sexualidade e gênero até então impossíveis de se pensar. A autora dá continuidade a seu esforço, explicitado em outra obra, em “observar como formas dominantes de representação podem e devem ser destruídas para que algo acerca da precariedade da vida possa ser apreendido” (BUTLER, 2006, p. 20). Dessa perspectiva, propõe pensar o parentesco a partir da noção mesma de performatividade:

Antígona é capturada numa rede de relações que não produzem uma posição coerente dentro parentesco. Ela não está, estritamente falando, fora do parentesco, tampouco é, de fato, ininteligível. Sua situação pode ser compreendida, mas somente com certa quantidade de horror. O parentesco não é simplesmente uma situação em que ela está, mas um conjunto de práticas que ela também realiza, relações que são restituídas no tempo precisamente através da prática de sua repetição. Quando ela enterra seu irmão, não é que age simplesmente a partir do parentesco, como se o parentesco fornecesse um princípio para a ação, mas sim que sua ação é ação do parentesco, a repetição performativa que reintroduz o parentesco como um escândalo público. O parentesco é o que ela repete através de sua ação; para utilizar novamente uma formulação de David Schneider, não é uma forma de ser, mas uma forma de fazer. E sua ação implica numa repetição aberrante de uma norma, um costume, uma convenção, não uma lei formal, mas uma regulação da cultura, semelhante à lei, que opera com sua própria contingência. (p. 83-84)

O posfácio intitulado “O gênero por vezes se desfaz quando é muito difícil de se ouvir: reflexões sobre Antígona” e escrito para a edição brasileira retoma alguns problemas em relação à tragédia de Sófocles, reafirmando seu interesse em expandir o campo de possibilidade das vidas gendradas. A autora convida o leitor brasileiro a se debruçar sobre a peça e perceber como o gênero é uma espécie de *phármakon* (Cf., DERRIDA, 2007), remédio e veneno, mecanismo de naturalização e de desconstrução dos códigos culturais de masculino e feminino. Ao pensar o parentesco como performatividade, uma das suas maiores contribuições para os estudos de gênero e de sexualidade, Butler incita o leitor, ou melhor, o

V. 6, n. 2. p. 398-403, mai./jul. 2017.

cientista social, já que a presente resenha se dirige especialmente a ele, a abandonar as concepções tradicionais do parentesco, realizando a vocação das chamadas ciências do espírito, pelo menos no sentido dado por Pierre Bourdieu, sobretudo, quando diz:

As ciências sem fundamento, obrigadas a se aceitarem como inteiramente históricas, as ciências sociais destroem qualquer ambição fundante e obrigam a aceitar as coisas como elas são, isto é, como sendo inteiramente precedentes da história. [...] Isso equivale a recusar substituir Deus criador das “verdades e valores eternos” pelo Sujeito criador e devolver à história, e à sociedade, o que fora confiado a uma transcendência ou a um sujeito transcendental (BOURDIEU, 2007, p. 139).

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a.
- _____. “O parentesco é sempre tido como heterossexual?” *Cadernos Pagu*, nº21, pp. 219-260, 2003b.
- _____. *Vida precária: el poder del duelo y la violencia*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- _____. *O clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- OLIVEIRA, Marcos de Jesus. “Como reivindicar direitos humanos se você não é considerado(a) humano(a): revisitando alguns discursos contemporâneos contrários à homoparentalidade”. In: GALINKIN, Ana Lúcia; SANTOS, Claudiene (orgs.). *Gênero e psicologia social: interfaces*. Brasília: TechnoPolitik, 2010, pp. 275-299.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- RUBIN, Gayle. El tráfico de mujeres: notas sobre la “economía política” del sexo. In: *Nueva Antropología*, vol. VIII, no. 30, México, 1986.

Recebido em: 09 de dez. 2016
Aceito em: 20 de fev. 2017